



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

II CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

REALIZAÇÃO:

CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE ESTUDOS E PESQUISAS (CEMEP)

TEMÁTICA PRINCIPAL: POLÍTICAS, TEORIAS E PRÁTICAS.

LOCAL: CAMPINA GRANDE – PARAÍBA

ARTIGO – TÍTULO

PRÁTICAS EDUCATIVAS POR UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NÃO-SEXISTA :

Refletindo a Diversidade Sexual e a Homofobia

ÁREA TEMÁTICA:

GT – 11 – GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

AUTOR :

LUIS CARLOS PAULINO DA SILVA

prof.carlinhopaulino@gmail.com

Campina Grande – PB. - Data:13.08.2015



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PRÁTICAS EDUCATIVAS POR UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

NÃO-SEXISTA :

Refletindo a Diversidade Sexual e a Homofobia.

Autor: Prof. Luis Carlos Paulino da Silva

RESUMO

O presente artigo faz uma abordagem a respeito de Práticas Escolares como objeto do ensino para uma educação inclusiva e não sexista, refletindo o relacionamento entre os diferentes segmentos no contexto escolar a partir da expressão de gênero e a regra da Heteronormatividade como relação de poder entre o masculino e feminino e sua relação com a diversidade e orientação sexual até as reações homofóbicas, considerando-se a importância da naturalização na formação humana para o convívio social, fazendo-se a inclusão no currículo como tema transversal, evitando ser tratado de maneira equivocada ou com atitudes preconceituosas. Por isso desenvolvemos algumas estratégias educativas a título de reconhecer a diversidade sexual como uma prática igualitária diante da construção de discursos que instigam preconceitos, principalmente as manifestações homofóbicas por definirem aversão à homossexualidade e às pessoas que estão fora do binário de gênero.

Palavras-chave:

Educação Inclusiva - Diversidade - Gênero - Sexismo - Homofobia



1 - INTRODUÇÃO

Nos dias atuais em pleno século XXI, podemos encontrar nas Escolas Públicas Estaduais, uma clientela totalmente diferente dos períodos históricos nos séculos passados, havendo uma característica inclusiva apesar das práticas exclusivistas. Dispomos de alunos advindos de todas as classes sociais, principalmente das classes menos favorecidas, levando em consideração os aspectos sociais, históricos, econômicos e culturais.

Este trabalho busca explorar a discussão humana em relação a questão da grande diversidade das pessoas na convivência do contexto escolar, constituindo assim os diferentes segmentos, assim como : alunos, professores, funcionários e gestor(a), que integram uma grande variação, da mais simples até a mais complexa, a partir da divisão entre as pessoas em machos e fêmeas, assim chamados de gêneros: masculino e feminino.

Tendo como objeto de estudo principalmente a análise do comportamento e da relação decorrente das dificuldades de compreender, respeitar, aceitar e incluir o “ diferente “, através de uma prática escolar formal que se desenvolva respeitando sua autonomia e que se disfarçam os impasses de complexidade da sexualidades das pessoas .

Pois é assim que é formada a nossa atual clientela escolar, de pessoas de ambos os sexos, principalmente o corpo discente por ser a maioria no respectivo grupo, que diante desta normalidade, mas, em determinados momentos a própria escola estabelece algumas regras para convivência, criando assim uma divisão entre os seres de acordo com o seu gênero, como forma de criar um determinado estereótipo característico que direta ou indiretamente constitui uma forma de construir a diferença.

Esta problemática surge a partir de uma das formas que facilita a nossa comunicação em qualquer grupo social, todas as vezes que dispomos de pessoas que envolvam os dois gêneros,ou seja : masculino e feminino, considerando-se a regra gramatical da Língua Portuguesa quanto ao uso e emprego dos gêneros na sua pluralidade, usamos como forma de certificação e refinamento da língua, o masculino. Atribuindo-se assim, como função genérica entre ambos, mesmo quando nos dirigimos a um número de pessoas em que na sua maioria sejam do gênero feminino.

O que desde então se caracteriza uma verbalização do tipo machista ou feminista ou priorizando o sexismo, pois, segundo Sousa, 2003,p.9. O sexismo é um conjunto de diversas manifestações de comportamento discriminatório, que favorece um sexo em detrimento de outro, no caso da regra gramatical o masculino sobre o feminino .

Mas ainda podemos acrescentar que o sexismo consiste em uma prática de discriminação ou de uma forma de relacionamento onde um se sobrepõe ao outro, portanto, a partir desta

conceituação considerarmos a reação homofóbica ser considerada também uma forma do sexismo, motivo este que nos levou a imbricar este termo na construção da pesquisa realizada.

Neste caso referimo-nos às pessoas considerando-se ou determinado-as de acordo com o seu sexo, apesar de toda a diversidade e da inclusão da mulher em diferentes setores sociais na contemporaneidade, quer por direito ou por duras e difíceis conquistas, mediante as lutas pela igualdade social, independentemente do sexo e da sexualidade da pessoa, hoje assegurado na atual Constituição Federal como uma política de inclusão e de igualdade.

Salientamos que esta regra da gramática da língua portuguesa a certo ponto ela fortalece a ideia de que seja natural que os homens dominem a relação de poder diante ou sobre o sexo feminino. Portanto, eis um grande motivo para abordarmos a questão de gênero no contexto escolar, para que possamos refletir em conjunto a importância de cada um neste espaço considerado como a maior agência do conhecimento – a escola.

No decorrer deste artigo objetivamos problematizar ou responder questões sobre a diversidade sexual e a homofobia que faz parte da vida de algumas pessoas desde a infância e por toda a sua vida. Situação esta onde homens e mulheres são rotulados e concebidos de forma diferente, como se dessa diferença constituir-se-ão sujeitos diferentes. Como se o gênero determinasse uma dimensão de constituição da pessoa e que o diferenciasse um do outro, ou de um sobre o outro e com uma determinada existência formadora que pudesse ser atribuído uma escala de valores, determinando assim uma prática inclusiva ou exclusiva, onde o gênero e o sexo figurasse como algo determinante na constituição da pessoa.

É tanto que na prática generalizada da comunicação quando se fala sobre gênero de imediato relacionamos a sexo. Mas esta é esta uma das propostas que elegemos em termo de uma reeducação não sexista, ou seja, em busca de uma equidade de gênero de forma que no relacionamento escolar seja criado um verdadeiro sistema de relações interpessoais, tendo como base a igualdade entre os sexos e construindo assim uma valorização equilibrada das diferentes qualidades das pessoas, quer sejam masculinas ou femininas, respaldando-se através de conceitos que gênero não é sexo.

Finalmente, eu argumento que é de acordo com o nível de cultura, conhecimentos e conscientização dos direitos humanos que cada sociedade atribuem às pessoas funções e identidades diferentes, de acordo com o seu entendimento que tem do que é ser homem ou ser mulher.

Pois, do ponto de vista masculino em algumas culturas, promovem a ideia de que ser um “homem de verdade” ou “Homem com H” pode ser atrelado a determinadas dicotomias, por exemplo: chorar X não chorar; sexo forte X frágil; atividade de casa X de trabalho; ser engenheiro X ser professora, ou alguns termos que atribuem uma inferiorização por intermédio do preconceito em relação ao sexismo, como: “fresco, mulherzinha, viadinho, bicha, boiola, frouxo, fraco, biba” etc. ou do ponto de vista feminino: “saboeira, mulher-macho, sapatão, machão”, etc., gerando xingamentos e desvalorização das pessoas que se concretizam-se na prática preconceituosa e homofóbica.

2 - Abordagem Teórica

A EDUCAÇÃO NÃO MUDA O MUNDO.

A EDUCAÇÃO TRANSFORMA AS PESSOAS,

E AS PESSOAS MUDAM O MUNDO.

(PAULO FREIRE)

De acordo com o pensamento do Mestre Paulo Freire nos instiga a ter esperanças na força da Educação em podermos conseguir modificações nas pessoas em particular em nossos alunos (Corpo Discente), daí, usamos como ponto de partida para justificarmos a nossa escolha do

tema deste artigo que se desenvolveu na Escola Estadual Ana Ribeiro, com vista ao objetivo principal de investigar as atividades desenvolvidas para explorar a existência da diversidade humana em relação aos gêneros, ou seja, entre masculino e feminino e sua relação com os sexos, considerando a sua orientação e prática entre as diversas pessoas inseridas na comunidade escolar (alunos , professores, funcionários e gestor (a) e sua participação na vida em sociedade no convívio escolar, mediante a fluência de algumas ocorrências direta ou indiretamente de sexismo e homofobia.

O desconforto de “ *sentir-se desigual* “ (e, por isso receber um tratamento discriminatório) pode ser efeitos, como o estresse e a depressão, que tensional e debilitam a saúde, o equilíbrio emocional, em dimensões especialmente significativas e profundas, pois estão introjetadas nos sentimentos e nas avaliações dos sujeitos sobre si mesmos. (Mary Rangel, 2013, p.19).

A política educacional recente aponta uma necessidade de se incluir no currículo escolar algo que possa ser levado ao conhecimento dos discentes sobre a questão da diversidade sexual e a relação com a sexualidade, além de podermos aprofundar uma discussão sobre a prática do sexismo e as reações homofóbicas entre os diversos segmentos que constituem a comunidade escolar, como uma possível forma de se evitar o desconforto da desigualdade diante do padrão social humano.

Esta proposta desenvolvida estar de acordo com minhas inquietações profissionais que surgem no dia a dia na prática docente com alunos desde o Ensino Fundamental e ainda com os alunos do Ensino Médio durante toda a convivência na escola.

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. (...) a sexualidade é, de forma mais ampla, expressão cultural. Cada sociedade cria conjuntos de regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduo. Nesse sentido, a proposta de Orientação Sexual considera a sexualidade nas suas dimensões biológicas, psíquicas e sociocultural. (PCNs, Vol. 10,p.117)

O que nos deixa bastante preocupado mediante esta realidade que nenhum educador pode mais fugir, por menor que seja seu estado de formação em relação a este tema. Isto porque hoje se faz presente na realidade da maioria ou em quase todas as escolas e que deve ser incluído na proposta pedagógica por se fazer incluído nos temas transversais de grande importância para o conhecimento dos discentes

A partir da diversidade da nossa clientela entre os dois gêneros masculino e feminino e suas diferentes opções de práticas sexuais, surgindo assim, os conflitos, os preconceitos e as dificuldades no relacionamento diante do grande objetivo que é termos uma escola inclusiva, sem haver uma prática nem marxista e nem tampouco feminista e muito menos admitir que a escola seja uma instituição criadora de uma prática exclusivista com os alunos de orientação sexual diferente do padrão social, se é que podemos chamar esta diferença de padrão, mediante o direito da singularidade de cada sujeito e principalmente pelo sexo ser apenas uma expressão biológica e que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais).

Assim, podem sentir-se “*desiguais*” os sujeitos considerados estranhos, por não corresponderem a modelos ou padrões tradicionalmente aceitos como “*normais*”

(Mary Rangel, 2013, p.17)

A literatura disponível indica que não podemos deixar de mencionar a grande contribuição que ora dispomos como fundamento básico para construção de uma nova política educacional nas escolas em relação a igualdades, os dispositivos da atual Constituição Federal de 1988, onde

ficou consagrado o princípio de igualdade entre homens e mulheres, incluindo-se aí os considerados desiguais do padrão “normal”. Dispositivos estes que tratam de forma específica a consolidação do valor da igualdade das pessoas independentemente de cor, sexo, raça, etc. colocando assim em prática o respeito às diferenças humanas em toda a sua diversidade e por outro lado começando o embate contra a discriminação que ora pode e deve ser incluído no Projeto Político Pedagógico de toda e qualquer escola esta proposta voltada para promoção da igualdade, que por sua vez, mostra-se por um fortalecimento para a igualdade e contra discriminação.

E que seja posta em evidência na escola a partir dos Professores e da Gestão da Escola uma proposta igualitária, procurando valorizar os alunos sem distinção em relação a diferença apenas do gênero o que seria uma prática de construir uma desigualdade entre homens e mulheres, onde um ou outro passará pelo constrangimento do aspecto da diminuição ou diferenciação por um aspecto que não eleva a pessoa em nada.

Portanto o nosso estudo realmente começa em fazer esta reflexão para que a escola não venha a cometer esta prática da desigualdade entre os alunos independentemente do seu gênero (masculino ou feminino), sem prioridades e sem discriminação para com todos os (as) alunos (as).

Por isso há uma articulação direta com o trabalho exposto, por se tratar das práticas escolares que por sua vez, muitas vezes se mostram totalmente vulneráveis para com o

aspecto da diversidade em todos os sentidos, ou seja , é muito comum se ouvir algumas afirmações ou expressões populares, assim como :

“Homem trabalha melhor com outros homens.”

“-Professor de Educação Física deveria ser um homem para trabalhar com os alunos e uma Mulher com as alunas.”

“Para trabalhar com crianças é melhor uma (mulher) Professora , pois ela sempre tem mais jeito de se relacionar com as crianças .”

“Para uma Mulher tratar de assuntos de sexo com os as turmas do Ensino Médio, que já tem muitos alunos homens é muito difícil.”

Estes casos citados e muitos outros, sempre ouvimos na escola, quer seja por parte do(a) Gestor (a) ou por alguns Professores(as), algumas práticas excludentes e preconceituosas em relação a simples questão do gênero , onde acredito que na sua , apenas se trata de uma vulnerabilidade provocada pela preparação e formação do(a) profissional do Magistério para trabalhar com determinado conteúdo ou com determinada situação social

O objeto de estudo deste trabalho consiste justamente em fazer uma reflexão crítica de uma prática com foco por uma educação inclusiva, daí , nos resta a trabalhar, implantar e criar uma nova metodologia para o relacionamento e convivência escolar onde possa prevalecer o princípio da igualdade diante de todo aspecto da diversidade de gênero e da opção sexual .

Pois acredito que não dar para trabalhar sobre gênero e ignorar a diversidade sexual e sua prática da Heteronormatividade por conta da rejeição ou da falta de educação de aceitar a opinião do(a) outro (a) quanto ao Homossexualismo, o Lesbianismo, a Transexualismo entre outras formas de opções .

(...) a igualdade e a discriminação pairam sob o binômio inclusão-exclusão. Enquanto a igualdade pressupõe formas de inclusão social, a discriminação implica na violência exclusão e intolerância à diferenças e diversidade. O que se percebe é que a proibição da exclusão , quando se pretende é garantir à igualdade de fato , com a efetiva inclusão social de grupos que sofreram e sofrem um persistente padrão de violência e discriminação. Pensar em Igualdade de Gênero significa enfrentar o sexismo e a homofobia.

(PIOVERSAN, 2003,p199)

Este artigo trata justamente sobre o processo de questões relacionadas a diversidade sexual que vai do sexismo até chegar praticamente a Homofobia no contexto escolar. Sendo este realmente um dos assuntos que muito nos interessa em relação a realidade na contemporaneidade, pois esta é realmente a parte crucial da diversidade de gênero e sexual.

Por se tratar da parte que pode gerar mais problemas na escola por conta dessa falta de aceitação e da possibilidade de gerar violência ou uma exclusão silenciosa, onde o (a) aluno (a) vai perdendo o direito ao espaço e participação, mediante os xingamentos, desrespeito, chacotas, bagunças e outras atitudes que deixam alguns desses(as) alunos (as) fora do processo participativo social no ambiente escolar.

O conteúdo realmente do artigo se inteira completamente por considerar a Escola como uma agência para produzir o conhecimento, portanto todos os profissionais tem que estarem preparados para toda e qualquer situação de questionamento que possa surgir no processo da aprendizagem dos (as) alunos (as), principalmente em relação a uma visão construtiva para inclusão, apesar de tantos problemas que já afetam o sistema educacional nas políticas públicas sobre a Educação e o acesso a qualidade na escola pública.

3 – ABORDAGEM METODOLÓGICA

A pesquisa foi realizada sob tipo qualitativa, mediante o contexto em estudo e através de diferentes formas para aquisição dos dados, principalmente através da Entrevista Etnográfica pelo fato de já estarmos sempre observando os alunos no contexto do trabalho docente que realizo na Escola, onde realizo meu trabalho docente.

E percebemos que sempre houve este clima de diferença entre os gêneros e principalmente por termos alunos (gays) homossexuais e lésbicas por parte da insegurança da gestora e de alguns colegas do corpo docente e em relação aos alunos, nem sempre e nem todos aceitas as pessoa como elas são, surgindo assim, os aspectos de discriminação e preconceito com estas alunos.

3.1 – Campo da Pesquisa:

A pesquisa praticamente já iniciamos e vamos dar continuidade de forma com mais afinco com uma turma do Segundo ano do Ensino Médio no Turno Vespertino na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ana Ribeiro, situada à Rua Eunice Barbosa n 10 – Centro da Cidade de Salgado de São Félix – PB. Durante as aulas de Língua Inglesa e de uma forma complementar em outros horários que conseguí com a gestora da Escola para poder realizar com a turma outras atividades mais diretas e especializadas a respeito do tema da pesquisa,

assim, leitura e interpretação de alguns textos sobre Gênero e Homofobia, entrevistas com os alunos e alguns Professores, como os de Sociologia, Biologia, História, Filosofia e com a Gestora da Escola, conforme questionários em anexo(1), além do texto que foi lido, refletido e questionado em sala de aula (texto – Somos iguais ou diferentes ?) também em anexo (2).

3.2 - População pesquisada:

-Turma do Segundo ano do Ensino Médio. Esta turma escolhida foi a ideal da escola, pois se trata de uma turma mista em relação ao aspecto do gênero e principalmente por termos alunos gays (masculino e Feminino) nesta mesma turma o que tornou muito viável para muitas observações realizadas durante a pesquisa, salientando que estou trabalhando com esta turma desde o início do ano letivo de 2014, quando eles faziam o Primeiro Ano e hoje o Segundo Ano do Ensino Médio.

3.3 - Técnicas de Coleta de dados :

Nesta pesquisa combinamos uma diversidade de forma de recursos para coletar as informações que consideramos importante para poder produzir algo que seja um ponto de reflexão para este tema que no presente ocupa um espaço de grande importância para implantação de uma proposta inclusiva no contexto da escola pública.

Portanto, usamos a observação participante, a entrevista e a análise documental de alguns documentos com o LDB, ECA, DCBEM até a constituição Federal de 1988. E alguns textos ou livros de alguns autores, pois foi muito importante ver algumas ideias de alguns autores a respeito deste tema para complementação dos conhecimentos teóricos e práticos.

Quando falamos que a pesquisa foi e continua sendo realizada através de diversos recursos é justamente por sentirmos que este tema, realmente se trata de um assunto bastante complexo e não será com um período curto que possamos conseguir algo mais contundente em relação à realidade, por se tratar de algo que se desenvolve cotidianamente nos diferentes dias e momentos das diferentes atividades da escola, assim como: horário das aulas, nos corredores da escola no horário de intervalo, nas aulas de educação física, em momentos festivos e das diferentes comemorações ou na culminância de alguns projetos desenvolvidos pelos professores na escola.

E só assim nos construímos um juízo de valor através do sentimento apresentados pelos colegas dos alunos e alunas “gays”.

Para isso requer tempo, pelo fato que ninguém conhece ninguém plenamente ao ponto de se fazer um juízo de e nem sempre as pessoas mostram o que na verdade tem em seu interior. Por isso a necessidade de uma interpretação coletiva de alguns textos e as entrevistas diretamente com os alunos para uma melhor análise destes materiais de informações coletados

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO :

Considerando os dados obtidos nesta pesquisa e principalmente pelas reações da comunidade escolar em se tratando deste tema, chegamos a constatar que sobre as diversidades, continua ainda sendo um tema com tamanha ignorância de muitos, apesar de tantas pesquisas já realizadas e da inclusão deste tema nos PCNs do Ensino Fundamental e Médio.

A questão da diferença da clientela no contexto escolar, focalizam os campos das relações de gênero (masculino e feminino) chegando ao sexismo de ambas as partes, considerando-se a Heteronormatividade como padrão ou regra social, até a prática homofóbica de forma direta ou indiretamente ou até mesmo de uma maneira silenciosa porém, exclusivista, deixando, os “ diferentes “ praticamente isolados e com poucas oportunidades de participação pela falta de espaço ou pelo “ medo “ de se apresentarem diante do público, evitando serem tratados com termos frustradores, excludentes, como se tratassem realmente de determinadas “ coisas “ fora do considerado normal social e culturalmente.

Um dos principais depoimentos e observações realizadas foram em relação aos diferentes “ gays “, diferenças socioculturais que diz respeito ao entendimento e ao enfrentamento dos preconceitos e discriminações. Assim como um dos processos de inclusão e exclusão social e institucional dos diferentes sujeitos.

Além da pesquisa bibliográfica, foi realizado um trabalho de campo na escola, com o objetivo de complementar a parte teórica com as experiências de docentes e os alunos da turma através

da leitura e reflexão do texto (Somos Iguais ou Somos Diferentes ?) e de um questionário com os alunos e alguns Professores da mesma turma , ou seja (Professores de Biologia , Sociologia Língua Portuguesa, Artes, Filosofia e História

Se na sua formação inicial e na graduação ele não teve acesso à discussão sobre gênero e sexualidade, ele precisa buscar bibliografia, participar de cursos de formação e comparecer a conferências e seminários. No entanto que a Escola possa construir um trabalho sobre o tema e que seja proposto e realizado por grupos de professores ou que se torne um assunto a ser discutido com profundidade no planejamento escolar e nas horas de trabalho pedagógico coletivo, procurando naturalizar primeiro o tema com o Corpo Docente para depois ser então trabalhado com os alunos e até com as famílias dos alunos, para que o tema seja uma proposta educativa e realizada em conjunto com todos os segmentos e com objetivos definidos em relação a inclusão e ao respeito para com todos de acordo com o princípio da igualdade social e cultural do ser humano .

Salientando que os termos usados em relação a sexualidade diferente do padrão social, na sua maioria das vezes são colocados de forma pejorativa, equivalente a “bizarro” e “anormal”, através de xingamentos discriminatórios , procurando fazer uma desclassificação da pessoa diante das demais, muitas vezes chegando a determinados atritos, mediante a construção de sujeitos rotulados como “anormais”, inferiores em oposição aos sujeitos que se enquadram nos padrões considerados “ normais “ na sociedade.



5. CONCLUSÃO.

Com este estudo chegamos a uma conclusão bastante prática, pois , a partir da conceitualização de gênero e sexo e a sexualidade das ésoas , reconhecemos a suma importância em primeiro lugar para o desenvolvimento do tema desde o Ensino Fundamental e um certo aprofundamento no Ensino Médio pelos professores em suas atividades , independentemente de seu componente curricular , mas , que seja trabalhado de forma interdisciplinar ao ponto de naturalizar o conhecimento como uma possível e viável possibilidade para construirmos uma nova sociedade, com uma nova visão e um novo comportamento conceitual e com novos valores para com as pessoas no convívio social mediante a diversidade de gênero, de sexo e das diferentes orientações sexuais que podemos encontrar na sociedade.

A sexualidade é primeiramente abordado no espaço familiar e assim são repassados os valores sociais e culturais de acordo com sua esfera de conhecimento e limitações e assim reproduzidos por nossas crianças , adolescentes , jovens e adultos .

Portanto cabe a escola como uma agência do conhecimento e principalmente aos educadores buscarem uma forma para auxiliar no processo de educação pelo conhecimento escolar , encontrarem uma nova forma de construção para um ponto de auto-referência, por meio de um estudo reflexivo e crítico das diferenças e das igualdades humanas e suas devidas

importâncias na formação da personalidade, do caráter e na parte integral do indivíduo e cidadão.

Na verdade , para alguns alunos , a escola tem sido um verdadeiro “ inferno “ mediante o relacionamento discriminatório por conta da sexualidade da pessoa , onde alguns alunos maiores, ou com idades superiores, se aproveitam e criticam, diminuem, batem e criam um clima de constrangimento , que muitas vezes, geram nestas pessoas uma forma de se auto-excluírem da participação social na escola , chegando a um certo ponto mais elevado de se desgostarem da escola e sentirem vontade de não mais voltarem à escola.

Na verdade , muitas vezes , nem os profissionais tomam conhecimentos do que acontece na escola, pela vergonha que os próprios “ gays “ sentem da sua própria situação. É como se eles estivessem obrigados a inferiorizarão diante dos considerados: “ homens , machos, hetéros, “.

. É como se eles fossem pessoas “ erradas “ , fora do padrão, sem direito para reclamar do sofrimento que são submetidos pelos colegas na escola, pelos xingamentos, pelos gestos de ridicularizarão, pelo aspecto afeminado, pela diferença na voz, pelo andar e outras formas que afirmam a diferença, mesmo no período da infância , quando ainda não existe a prática de sexualidade.

Mas, para alguns já rotulam os “ gays “ e aí começa todo o desrespeito invasivo a intimidade da pessoa .

Esta conclusão se deve as resposta , as observações, as trocas de ideias com outros profissionais da escola, onde temos nesta turma alunos “ gays “ masculino e feminino.

Portanto, chegamos a conclusão que nos cabe a responsabilidade de problematizar levantar questionamentos e procurar ampliar o espaço de conhecimentos e de opções para trabalhar a respeito deste tema na escola, procurando também dar uma certa atenção para com aqueles que a comunidade escolar sinta que há uma maior necessidade ou demande uma certa atenção, para evitar a prática excludente na escola para com todos os alunos.

E no caso de reações homofóbicas que seja auxiliado com um trabalho específico em ambos os casos , do agressor (a) e do(a) agredido(a), como uma forma de reparar o preconceito e que posamos atingir um bom e melhor rendimento escolar, oferecendo oportunidade de igualdade e criando-se um clima de aceitação como seres legítimos e lícitos socialmente, não considerando a forma particular do prazer sexual da pessoa .

Pautando-se como um trabalho que diz respeito a responsabilidade dos educadores e da escola como um todo como um complemento à educação oferecida pela família, muitas vezes de forma preconceituosa por falta de conhecimento real da causa, embora a escola disponha desta força da inclusão curricular em comum acordo com os valores familiares , por entendermos que esta é uma abordagem concreta para abrir espaço para uma pluralidade de diferentes concepções educativas , inclusive em respeitar as diferenças e não violar os direitos, garantindo a integridade física e moral de todos na comunidade escolar.

, Na prática , concluímos que a palavra homofobia significa a repulsa ou o preconceito contra a homossexualidade e/ou o homossexual, assim como as outras formas de preconceito, como uma atitude de colocar a outra pessoa, no caso, o homossexual, na condição de inferioridade, de anormalidade, baseada no domínio da lógica heteronormativa, ou seja, da

heterossexualidade como padrão, norma. A homofobia é a expressão do que podemos chamar de hierarquização das sexualidades.

Podemos citar como um grande exemplo de reação homofóbica o caso que algumas pessoas e por muitos anos acreditou-se que a AIDS era uma doença que contaminava exclusivamente homossexuais. Dessa forma, o “aidético” era aquele que tinha relações homossexuais. Assim, as pessoas podiam se sentir protegidas, uma vez que o mal da AIDS não chegaria até elas (heterossexuais).

Portanto, certos de termos contribuído para auxiliar a desenvolver uma abordagem pedagógica que teve como objetivo principal um pouco de conhecimento deste tema com esta turma. Acreditamos na nova leitura e outra visão com um novo modo de ver, refletir e agir diante das relações de gênero, sexismo e homofobia instigando sempre o diálogo no âmbito escolar e em toda sua atuação como pessoa no exercício de sua cidadania para com a educação entre pares, desconstruindo os preconceitos e fortalecendo uma formação mais consciente e mais humana.



6.REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

1. Brasil. Ministério da Saúde . Adolescentes e Jovens para a Educação entre pares. Gêneros.Saúde e prevenção nas escolas – Vol. 7 Série B – Brasília – DF. 23012.
- 2_ Caetano, Moacir. A escola diante da diversidade. Organizadora – Mary Rangel. Rio de Janeiro.Wak Editira – 2013. 108 p.
- 3** -Carvalho, Maria Eulina Pessoa. Equidade de gênero e diversidade sexual na escola. João Pessoa – Ed. Universitária – UFPB 2009. 46p.
- 4 - Carvalho, Maria Eulina Pessoa.Gênero e diversidade sexual.Um glossário. Escolas Plurais.João Pessoa – Ed. Universitária – UFPB – 2009 – 56p.
- 5 - Casagrande, Lindamir Salete. Nanci Stancki e Marília Gomes de Carvalho. Orgs. Igualdade de Gênero. Enfrentando o sexismo e a homofobia. Editora UTFPR. Curitiba – 2011.
- 6 - -PCNs.Pluralidade Cultural. Orientação Sexual. MEC. Brasília. Volume 10 – 2001 – 164p.
- 7 - Sousa, Valquíria Açlencar de, Por uma educação escolar não-sexista. João Pessoa. Editora Universitária. UFPB 2003.

-